

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEO DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
23 de Junho de 2023

ONDE ESTÁ O PESSOA? / 2023

filme-ensaio de Leonor Areal

Realização, argumento e montagem: Leonor Areal / **Vozes:** Leonor Areal, Maria José Borges, Miguel Ivo Cruz / **Gravação e edição de som:** Rui Viana Pereira / **Filme original:** «Assistência no Teatro da República na festa do Maestro Blanch» (1913) / **Produção:** Obra Aberta / **Cópia:** digital FHD, cor, 63 minutos.

Com a presença de Leonor Areal

A ideia deste filme – e o seu título – surgiram-me ao ver um filme antigo na Cinemateca Digital, notando que todos os homens pareciam o Pessoa, com o seu bigode e chapéu. Tantas pessoas – pensei eu – como distingui-los? Pareceu-me uma verdadeira charada. Decidi então ser esse o título desta investigação – Onde está o Pessoa? – independentemente de o ir encontrar ou não.

Por outro lado, atraiu-me a diversidade das micro-reacções das pessoas face à câmara de cinema, que na época era uma ainda uma novidade. Apetecia ampliar para ver melhor. E comecei um longo caminho de análise e descoberta destas imagens de arquivo – feito à lupa do computador – até ao dia em que *o* descobri e acreditei que era *ele*.

Não há verdades absolutas, quem leu Fernando Pessoa sabe isso perfeitamente. O filme-ensaio que vão ver é um exercício especulativo. É como um jogo, ou um teste, em que todos vós, assistência, são as minhas cobaias, porque esta é a primeira vez que mostro o filme. Sendo um teste, admito que esta talvez esta não seja ainda a versão definitiva deste ensaio.

Assim, cada um de vós há-de formar uma opinião diferente. No final, terei muito gosto e interesse em conhecer as vossas impressões. Digamos que é uma indagação interactiva e colectiva.

O filme é uma representação da minha investigação, a par e passo dos achados que ia fazendo, das dúvidas e das hipóteses que fui colocando – um percurso quase detectivesco. Portanto, isto não é um documentário, não é uma ficção. Nem deixa de ser uma coisa e a outra. É um pouco das duas sem ser nenhuma delas. É um filme sobre outro filme.

A pesquisa realizada foi muito mais do que o trabalho visual sobre o filme: a análise fotograma a fotograma, a observação das reacções, expressões, gestos e movimentos. Paralelamente, fiz uma busca incessante de fotografias de pessoas daquela época, o que

é difícilimo. Porque esse arquivo iconográfico – tão importante para a compreensão da cultura do passado – está geralmente escondido em caixas ou perdido. Já ninguém reconhece os seus ancestrais – e só os homens famosos (reparem que disse homens) é que deixaram algumas poucas fotografias. O Pessoa tem uma boa quarentena, apesar de não gostar de tirar retratos.

Uma dificuldade que senti, ao tentar identificar as pessoas que aparecem no filme, advém da grande diferença existente entre as fotografias de época – muitas feitas em pose e com iluminação preparada, outras instantâneos de resultado aleatório – e, por outro lado, as imagens fluidas e desfocadas do filme em película de 35 mm. Aqui, descobri que as pessoas riam muito, naquela época. Excepto quando tiravam fotografias, onde punham o seu ar sisudo e grave. Enquanto nas fotografias de estúdio encontramos gente de olhar parado, nas imagens filmicas as fisionomias alteram-se incessantemente. E permitem-nos ver o que nunca eles mesmos – os que foram filmados – suspeitariam ser possível perceber. O registo filmico, por imperfeito e intersticial que seja, ressuscita algo dessas vidas passadas. O cinema é uma máquina do tempo.

Leonor Areal